

## DO ESTÉTICO AO RELIGIOSO: ITINERÁRIO PARA A ASCENDÊNCIA DO INDIVÍDUO EM SØREN KIERKEGAARD

Willian José Nunes\*  
Douglas João Orben\*\*

**Resumo:** O tornar-se indivíduo marca o início da caminhada subjetiva do ser humano enquanto resposta ao próprio existir. Neste texto, investiga-se a filosofia de Søren Aabye Kierkegaard no que se refere aos estágios existenciais do desenvolvimento humano – estágio estético, ético e religioso. O objetivo principal é a análise dos momentos de transição de cada estágio, propondo um itinerário, baseado na vida de Kierkegaard, para a ascendência do indivíduo. Nesse sentido, o texto analisa o que faz com que um indivíduo esteta, mergulhado em um prazer hedonista, se volte para uma vida ética e, da mesma forma, o que leva um sujeito entranhado numa vivência ética a buscar o estágio religioso. No indivíduo esteta surge o desespero da vida leviana, pelo que o marco da mudança do estágio estético para o ético encontra-se na ironia dominada. No sujeito ético, há a identificação da angústia, que é inerente a todo ser humano, de modo que, ao buscar algo a mais, o sujeito depara-se com a zona limite do ético para o religioso, o humor.

**Palavras-chave:** Kierkegaard; Desespero; Ironia; Humor.

## FROM THE AESTHETIC TO THE RELIGIOUS: ITINERARY FOR THE ANCESTRY OF THE INDIVIDUAL IN SØREN KIERKEGAARD

**Abstract:** Becoming an individual marks the beginning of the subjective journey of the human being in response to one's own existence. This text investigates the philosophy of Søren Aabye Kierkegaard regarding the existential stages of human development - the aesthetic, ethical, and religious stages. The main objective is the analysis of the transitional moments of each stage, proposing an itinerary, based on Kierkegaard's life, for the individual's ascent. In this sense, the

---

\* Acadêmico do 6º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. E-mail: [uwillianjosenures@gmail.com](mailto:uwillianjosenures@gmail.com).

\*\* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas, RS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5245-7630>. E-mail: [douglasorben@hotmail.com](mailto:douglasorben@hotmail.com).

text examines what causes an aesthete individual, immersed in hedonistic pleasure, to turn towards an ethical life, and likewise, what leads a person entrenched in an ethical experience to seek the religious stage. In the aesthete individual, the despair of a frivolous life arises, and the milestone of transitioning from the aesthetic stage to the ethical stage lies in mastered irony. In the ethical subject, there is the identification of anguish, which is inherent to every human being, so that, in seeking something more, the subject encounters the boundary zone between the ethical and the religious, humor.

**Keywords:** Kierkegaard; Despair; Irony; Anguish; Humor.

## Introdução

Esta investigação dos estágios do desenvolvimento humano - estético, ético e religioso - descritos por Søren Aabye Kierkegaard, tem como foco o aprofundamento das movimentações existentes dentre os estágios. Consequente a isto, notar-se-á que os escritos dedicados aos estágios em si estarão inclusos somente para maior compreensão dos períodos transitórios; seja o desespero, na passagem do estágio estético para o ético, tendo como zona limite a ironia, ou a angústia, do ético para o religioso, sendo o humor a sua zona limite.

O presente escrito divide-se em duas partes: a primeira iniciará com a análise do tornar-se indivíduo, base para a iniciação dos estágios e início da crise do esteta que se encontra em desespero, e finalizará com o estudo da ironia, sendo o conceito de ironia dominada defendido como zona limite do estágio estético; a segunda parte se inicia com uma breve análise do estágio ético e a descoberta da angústia, inerente ao ser humano e que se mostra quando o sujeito se depara com a liberdade de escolha, e termina com o conceito de humor. Termina-se o artigo com uma breve apresentação do estágio religioso,

enquanto vivência plena da subjetividade, concluindo, assim, todos os estágios do desenvolvimento humano vivenciado por Kierkegaard.

## 1 Estágios do desenvolvimento existencial humano

Søren Kierkegaard destacou-se entre os pensadores do século XIX por se debruçar sobre o problema da existência subjetiva humana. Para tanto, propôs em seus textos não uma explicação teórica, como era de costume na academia, mas uma resposta a partir de sua própria vida<sup>1</sup>, ele “insistiu que todo indivíduo deveria não apenas formular essa pergunta como fazer da própria vida uma resposta subjetiva a ela. Essa ênfase na subjetividade é a principal contribuição de Kierkegaard” (STRATHERN, 1997, p. 11). Dessa forma, a noção de existência inicia a partir do momento em que o sujeito torna-se um indivíduo, respondendo de forma subjetiva à sua própria vida, tornando-se único e rompendo com a multidão. O estar na multidão é definido com o que se entende hoje por viver imerso no senso comum, levando o ser subjetivo para uma vida que não é realmente sua, uma vida que é fruto de ideologias de terceiros<sup>2</sup>, ao passo que, “quando o indivíduo se assume existencialmente, há a anulação da multidão, que é a mentira” (CAES, 2011, p. 439). Observando esta proposta voltada para si, Kierkegaard transforma a sua experiência particular (para com a existência) naquilo que ele denomina de *estágios existenciais do desenvolvimento humano*.

---

<sup>1</sup> Destaca-se que Kierkegaard procurou fazer filosofia não de forma academicamente rigorosa, mas sim fazendo dela um método de vida, como traz Régis Jolivet: “Quer por decisão voluntária, quer, mais provavelmente, pela força das circunstâncias em que decorreu a sua vida, Kierkegaard procurou, de fato, apresentar um método de vida e não uma doutrina filosófica” (JOLIVET, 1957, p. 61).

<sup>2</sup> Na ruptura da multidão, faz-se evidente a crítica que Kierkegaard faz a Hegel, uma vez que este defende uma realidade movida por uma razão absoluta que a tudo representa, uma razão absoluta que põe fim à subjetividade de cada indivíduo.

Vale notar que diferente do tornar-se indivíduo, que é um anseio de cada pessoa enquanto pessoa, marcando o início de uma resposta subjetiva à existência, os estágios do desenvolvimento humano podem progredir de um para o outro, sendo que uma atitude lícita em um estágio pode causar estranhamento em outro. Nesse sentido, os estágios representam, grosso modo, a maneira de como o sujeito se relaciona com o mundo:

(...) ou ele se mistura à vida mundana imerso nos seus prazeres numa vivência estética; ou se coloca em conflito questionando as regras do mundo e angustiado com suas infinitas possibilidades numa experiência ética; ou, por fim, alça voo à uma religiosidade que o distancia do mundo ao passo que o aproxima de uma realidade superior (BAPTISTA, 2011, p. 10).

Nesse contexto, o primeiro estágio identificado por Kierkegaard é o estético, sendo o hedonismo e a falta de uma profundidade para consigo mesmo um marco desse período. O segundo estágio é o ético, em que o indivíduo possui as rédeas da própria vida, tendo a possibilidade da escolha. Por fim, o terceiro é o religioso, marcado pelo absurdo de um salto no escuro para uma relação com o transcendente.

## 2 Estágio estético

O primeiro e mais raso estágio existencial descrito por Kierkegaard é o estético. Pode-se resumir o estágio estético como o momento em que o ser humano busca acima de tudo o próprio gozo: “o homem, neste estágio, seria pouco questionador, seria guiado apenas pelo hedonismo, ou seja, regido basicamente pela busca do prazer” (FERNANDES, 2013, p. 5). Kierkegaard

observa as experiências de sua própria vida para escrever seus textos, de modo que, enquanto envolto no período estético, ele escreve o livro *Diário de um sedutor* apresentando uma definição desse estágio na figura do fictício Johannes, personagem principal que utiliza de uma série de artimanhas para seduzir Cordélia. Estando imerso no estágio estético, o personagem principal do livro não consegue ter o amor enquanto uma responsabilidade e doação gratuita, ele busca simplesmente o prazer próprio, reduzindo os outros indivíduos ao redor, principalmente Cordélia, a meros objetos de prazer. De seu *Diário*, pode-se tirar um exemplo que corrobora tal visão:

(...) para criar uma diversão, quero agora, estando eu próprio frio, imaginá-la fria. Tentarei pensar a mulher sob uma categoria, mas qual? Sob a categoria da aparência. (...) Toda a natureza não passa pois de aparência, não no sentido teleológico em que um dos seus elementos particulares o seria para um outro elemento particular, mas toda a natureza é aparência – para o espírito (KIERKEGAARD, 1973, p. 173).

O *Diário* apresenta como o esteta vê a realidade de forma exclusivamente aparente, voltado para si mesmo e tendo os outros como utensílios para o bel prazer. A aparência é o espírito do mundo, é o espírito do mundo do esteta, e o mundo do esteta se resume na leviandade do gozo. O estágio estético é o mais básico no desenvolvimento humano, sobre isto bem discorre Marília Antunes Dantas:

(...) Kierkegaard analisa o estágio estético, caracterizando como estágio básico da realidade humana e, aquele que vive na estética é um esteta, ou seja, é aquele que vive a sua vida não se relacionando senão consigo mesmo, não dependendo de ninguém, nem de amigos nem de

casamento pois, para o esteta, a amizade e o casamento são vínculos perigosos porque privam-no de sua liberdade e de sua individualidade. O esteta é também aquele que vive essencialmente no presente, no imediato das sensações, para ele, tudo é sempre possível, uma vez que nada é, de fato, jamais realizado. Evitando ter de escolher, o esteta não escolhe ser ele mesmo e, não escolhendo ser, a vida escolhe por ele, encontrando-se como que fora da existência, nela não se inscrevendo. Assim, conforme Kierkegaard, o estágio estético é considerado como uma ausência de escolha (2007, p. 5).

Dessa maneira, o esteta não é protagonista da própria vida, as pulsões as são, ele vive tentando se sentir vivo, guia-se por si mesmo, às vezes nem percebe o quanto está desejando algo diferente, algo superior. Como “(...) os estágios estético, ético e religioso não são pontos fixos” (SILVA, 2016, p. 86), e a proposta deste artigo delimita-se em investigar a movimentação dos estágios em busca de um estágio mais elevado, a pergunta que conduzirá esta primeira parte do artigo é: O que impele o indivíduo esteta à busca de algo a mais?

## 2.1 O desespero e a ironia

O dar-se conta de sua existência é o prelúdio do desespero, tendo este a consequência da tomada de consciência de que o próprio sujeito vive de forma puramente superficial, hedonista e destrutiva, não levando em conta uma existência transcendente e nem a si mesmo de forma profunda. Para Kierkegaard, enquanto pensador cristão, o desespero é considerado como a doença proveniente do pecado, tornando-se ou uma espécie de desespero do finito, do mundano, ou como uma carência de infinito, a falta de uma saciedade fora do material. “No *desespero de finito* ou a *carência do infinito*, o homem

considera apenas a vida temporal como sua realidade, estando preso aos ditames dessa vida” (FAÇANHA; SOUSA, 2018, p. 11). Esta *doença mortal*, como Kierkegaard chama o desespero, se não for tratada haverá de crescer e causará a morte, não do homem material, mas do espírito. “O desespero é uma condição que surge de uma má-relação entre termos que constituem a própria existência do ser humano” (FAÇANHA; SOUSA, 2018, p. 4).

Segundo Kierkegaard, o desespero, sendo uma categoria imanente ao ser humano, possui formas diferentes de se expressar: a primeira possibilidade de expressão do desespero não é sentida conscientemente pelo sujeito; vive-se, apenas, A segunda, acontece quando o sujeito tem a consciência de estar tomado pelo desespero, mas o nega. A terceira forma, por sua vez, se dá quando o sujeito tem a noção de estar desesperado e o assume, sendo a vontade de ser um eu um marco positivo para o sujeito (SOUZA; ROCHA, 2014).

A primeira forma de desespero é a mais comum e conseqüentemente a pior forma, pois adocece a existência de muitos seres humanos que não exercitam sua existência, vivendo-a de maneira cômoda. Na segunda forma, o homem percebe que está vivendo de maneira incorreta, que se encontra tomando por um enfermo que ainda não conhece totalmente. No entanto, abdica de enfrentá-lo, buscando distrações e diversões em sua vida para esquecê-lo. Na terceira forma, o homem possui enorme consciência de sua situação, consumido pela doença mortal não recua, defronta-se com seu desespero, por mais intenso e vivaz que ele seja, pois há neste homem um anseio, uma inquietação, uma vontade desesperada de libertar o seu Eu (SOUZA; ROCHA, 2014, p. 7).

Usando o pseudônimo Anti-Climacus, Kierkegaard, na obra *La maladie a La Mort*, investiga o conceito de desespero demonstrando que ele é a condição para

uma vida ética, uma vez que é por meio dela que o ser humano acaba por tomar conta da superficialidade de sua vida e, conseqüentemente, o tornando verdadeiramente humano:

O desespero é, para Anti-Climacus, sinal da superioridade humana em face dos animais. A possibilidade do desespero constitui-se em privilégio para o homem, que o caracteriza como espírito. E, como espírito, possui uma finalidade, uma razão de ser muito mais elevada do que a puramente física, que determina sua vida material. O espiritual conduz à existência, tornando-o único ser suscetível ao desespero (OLIVEIRA, 2009, p. 36).

O desespero é o início do caminho para uma vida ética, é a tomada de consciência e a vontade do ser eu que impele o ser humano para um estágio mais elevado. Uma vez que o sujeito se depara com o desespero, consequência de sua forma de agir, e olha para o próprio eu, de forma a observar-se:

O processo de intensificação da potencial interioridade presente no esteta aumenta a intensidade do espírito dentro de si. O esteta, assim, se afasta de um nível direto de estruturação subjetiva para um outro, mais reflexivo, no qual ele descobre a oportunidade de maturação para um estágio ético (KAFTANSKI, 2010, p. 6).

O desespero, portanto, leva o indivíduo a um olhar para si próprio com seriedade e profundidade. Ele olha com dúvida para dentro de si, até que o desespero o leve para um limite que, para Kierkegaard, é a ironia. A ironia é identificada como zona limite entre o estágio estético e o ético, ou seja, ela está na realidade do esteta almejante de uma vida ética. Assim, esse olha para a realidade em que vive e essa realidade vista a partir de uma ironia dominada,



demonstra ao sujeito quem ele realmente é. De fato, aparenta ser paradoxal afirmar que o viver irônico é um meio para se ter autenticidade na vida, mas a partir do momento em que se tem consciência de que o sujeito usa da ironia porque “capta a contradição que há entre a maneira segundo a qual ele existe em seu interior e o fato de não exprimi-lo exteriormente, pois o homem ético manifesta-se enquanto se exaure em tarefas reais” (REICHMANN, 1971, p. 155), pode-se corroborar a frase de Kierkegaard em que afirma que a ironia tem o papel de mostrar ao indivíduo quem ele realmente é e o que realmente almeja, pois ela “*limita, finitiza, restringe, e com isso confere verdade, realidade, conteúdo; ela disciplina e pune, e com isso dá sustentação e consistência*” (2013, p. 333).

Partindo desta consciência e sustentação adquirida através da ironia, o sujeito passa para um estágio de liberdade, de escolha, uma vida com autenticidade guiada não mais pelo simples prazer, mas pela autenticidade. Desse modo, “assim como os homens da ciência afirmam que não há uma verdadeira ciência sem a dúvida, assim também se pode, com inteira razão, afirmar que nenhuma vida autenticamente humana é possível sem ironia” (KIERKEGAARD, 2013, p. 331).

Ao mesmo tempo, a gargalheira da ironia procura acordar o esteta de sua ilusão imersa nos prazeres e, inversamente, lembrar o ético da existência de uma satisfação mundana. A ironia não é destruição dos valores do mundo, mas força motriz do pensamento humano em direção às escolhas pessoais (BAPTISTA, 2011, p. 14).

Kierkegaard não pensa a ironia como retratam os romancistas, uma fuga do mundo real, mas cria o conceito de ironia dominada, sendo esta o estar na realidade visando algo além da realidade. Nega-se o que é preciso negar, sem se

perder nos altos voos da subjetividade. Firmar os pés na existência, sem fugir da realidade.

A ironia é tarefa. Essa tarefa, portanto, tem uma dupla acepção. Enquanto elemento da linguagem serve-nos para exteriorizar a contradição que é expor o tornar-se si mesmo em suas primeiras manifestações. Em outras palavras, num viés subjetivo, o movimento se põe de dentro para fora. Por outra parte, a ironia surge como elemento de compreensão e paira sobre a realidade ora identificando as suas lacunas, ora produzindo-as. Instaura-se assim a busca e esta tem seu correlato na constante ruptura provocada pela negatividade. Por esta razão, a ironia não se reduz a um recurso linguístico; ela se desdobra no ontológico na medida em que o que é finda a ser colocado à prova (SILVA, 2016, p. 30).

A proposta da ironia de Kierkegaard, como visto no trecho supracitado, não é somente um jogo de palavras, muito encontrado em seus escritos, mas também uma forma de viver, um momento de vida em que a ironia toma conta do ser subjetivo o impelindo à tomada de uma decisão: ou permanecer na superficialidade na tentativa de vedar o desespero com o prazer, ou ascender para uma vida ética.

### 3 Estágio ético

Enquanto que no estágio estético as pulsões movimentam o ser humano, no ético o ser humano tem liberdade de escolha: “o indivíduo escolhe escolher, pois a dimensão ética é a dimensão da liberdade. Porém, cuida-se de uma escolha exercida seriamente, conforme os padrões e as regras morais da sociedade na qual vive” (OLIVEIRA, 2009, p. 21). A preocupação do ser subjetivo no estágio ético está no bem agir seguindo as leis da sociedade. Nesse sentido,

Kierkegaard usa, para representar o ser ético, a figura do bom pai de família, uma vez que cumpre os seus deveres como esposo, pai e cidadão. Kierkegaard “supõe que nós automaticamente reconhecemos o ético como superior e que por isso somos naturalmente atraídos por ele” (STRATHERN, 1999, p. 30).

Importante notar que nesse estágio o ser humano está em relação com o próximo, mediante normas morais, ou seja, ele cumpre os deveres e responsabilidades subordinado às leis éticas. Desse modo, ainda corre-se o risco de seguir a multidão, uma vez que o modo como ele vê o mundo a sua volta é totalmente voltado às leis e, *ipso facto*, encontra-se em meio a um tumultuoso número de pessoas que também às seguem, muitas vezes sem ter real juízo dos motivos pelos quais às seguem. Além de não ter a subjetividade por excelência, o indivíduo ético é um ser angustiado, pois a angústia é inerente ao ser humano.

### 3.1 Angústia e humor

Anteriormente, fora mencionado que uma das diferenças entre os estágios estético e ético é a liberdade de escolha frente às tentações do prazer, isto torna o ser humano um ser em plenitude, mas também um ser angustiado. A angústia é algo próprio do ser humano, pois o ser defronta-se com o fato das múltiplas escolhas e com a sua finitude, buscando um ideal muitas vezes inalcançável em uma vida:

A angústia não se apresenta como o meio mais fácil para sobreviver, mas como o único capaz de realizar plenamente a nossa humanidade. Sem a angústia o homem poderia permanecer em sua harmônica inocência, embora, se assim desejasse, estivesse, com isto, abandonando toda a sua completude. Ao buscar essa complementação ele perde a

segurança, mas ganha a individualidade frente ao mundo (BAPTISTA, 2011, p. 5-4).

A angústia pode ser comparada a uma sensação de sufocamento, não é medo, uma vez que para o medo acontecer é necessário que exista um objeto para temer. A angústia caracteriza-se como uma sensação de abertura às inúmeras possibilidades sem a certeza de onde exatamente se está indo. O sufocamento da angústia traz ao ser humano a sensação de pequenez, um indivíduo frente a um oceano de escolhas que se abrem sempre para uma novidade. Kierkegaard, em seu livro *O conceito de angústia*, relata que mesmo se o ser humano for um ser inocente, ou seja, um ser que, estando em um estado de naturalidade, escolhendo um não pecar, evitando assim o desespero, ainda assim lhe resta uma coisa:

Neste estado há a paz e o repouso; mas ao mesmo tempo há outra coisa, que, contudo, não é guerra nem agitação, pois não há nada com o que guerrear. Que é isto? Nada. Mas que efeito exerce? Nada<sup>3</sup> (KIERKEGAARD, 1963, p. 42).

O nada é entendido como possibilidade de tudo, pura possibilidade de escolha. Existe um nada na vida do ser humano e esse nada é identificado pelo indivíduo quando se propõe a viver eticamente, ou seja, quando olha profundamente para si próprio e percebe a liberdade que acompanha a sua existência, percebe que em cada escolha existe uma consequência e uma novidade:

---

<sup>3</sup> En este estado hay paz e reposo; pero hay al mismo tempo outra cosa, que, sin embargo, no es guerra ni agitación, pues no ay nada com que guerrear. ¿Qué es ello? Nada. Pero ¿qué efecto ejerce? Nada.

A vertigem que acompanha o angustiado não é maior que o anseio pela novidade representada pelo abismo sem fim aberto a todas às possibilidades. Sem dúvida, em muitos momentos, a angústia repele os indivíduos fazendo com que eles permaneçam onde estão. Mas não existe somente repulsa, e em outros momentos prevalece o desejo que cega o indivíduo para suportar a vertigem (BAPTISTA, 2011, p. 5-4).

O que move o ser humano para esse emaranhado de escolhas é a constante busca por algo que lhe complete, sendo a angústia uma sensação sufocante responsável por fazer o indivíduo ora estagnar, ora caminhar. O homem não é um ser determinado, como o são os animais, e por isto mesmo é angustiado. Com isso, a luta para fugir da angústia é vã, pelo fato de o nada pertencer à natureza humana. A angústia faz o ser humano temer a morte, de modo que a ideia da morte faz o ser ético tomar consciência de que todos os seus esforços por uma vida regrada e aprofundada em si mesmo serão postos de lado nesta derradeira hora do deixar de existir ou do viver o mistério. A angústia, portanto, abala o modo de vida do ser ético, o faz entrar em busca de algo que o possa sustentar, o possa acalantar.

Assim como na passagem do estágio estético para o ético existe a ironia enquanto zona limite, na passagem do estágio ético para o religioso existe o humor. “A ironia e o humor reflectem-se sobre si próprios e pertencem por isso à esfera da resignação infinita; encontram os seus motivos no facto de o indivíduo ser incomensurável com a realidade” (KIERKEGAARD, 1998, p. 69). O humor é o próprio salto para o absurdo, é para o sujeito uma mudança de paradigma, de um olhar angustiado para a existência para um olhar teatral da realidade. Nesta atitude, percebe-se de maneira profunda a pequenez do ser humano em meio aos seus pecaminosos atos, olha-se com certo humor para o

próprio ser humano, ri-se dele. Existe um grande ceticismo no humor, no que tange aos motivos terrenos de se fazer o bem, mas também há uma grande, como o próprio Kierkegaard manifesta, *validade eterna* (KIERKEGAARD, 2013). O humor ocorre porque o homem é voltado sempre para Deus, ri-se de si mesmo em busca de algo maior que se encontra ao redor de si.

#### 4 Estágio religioso

Após o indivíduo passar por todo este itinerário, iniciado no tornar-se indivíduo rompendo com a multidão; tomando consciência da superficialidade em que vive; aceitando o desespero póstumo aos erros cometidos pela incessante busca do prazer, procurando ser verdadeiramente *eu*; usando da ironia para ascender do estágio estético para o ético; vivendo eticamente seguindo as normas morais; tomando as próprias decisões, não sendo mais joguete das paixões; adquirindo consciência do risco que surge da cega aceitação das normas morais, que possibilita novamente o seguimento da multidão; percebendo a angústia proveniente do nada enquanto possibilidade, estagnando ou impulsionando o indivíduo em seu caminho existencial; conscientizando-se de sua pequenez frente à realidade e rindo-se de si mesmo buscando o que está fora de si; finalmente o indivíduo goza de uma subjetividade plena no último estágio do desenvolvimento existencial humano, o estágio religioso.

Chamado por Kierkegaard como absurda, a fé, enquanto salto no escuro, leva o indivíduo a fazer o que nos outros estágios seria considerado como insensatez ou antiético, como o quase sacrifício de Isaac por seu pai Abraão ao ser obediente à voz de Deus. No estágio religioso não há mais a preocupação de seguir as leis éticas, pois o indivíduo é movido por amor - amor a Deus e aos

outros enquanto filhos de Deus. Kierkegaard considera este estágio o mais elevado; mesmo que ainda há a angústia, uma vez que é própria do ser humano, mas agora o nada dá lugar ao transcendente.

O estágio religioso exige uma total relação do indivíduo com Deus, tendo a fé como sustento. Dentro dessa relação, o indivíduo se inclina diante de Deus para atender os designios escolhidos por Ele (ORBN; SANTOS, 2022, p. 15-16).

O maior exemplo trazido por Kierkegaard acerca do estágio religioso é Abraão, pois ele não era guiado primeiramente pela razão, mas pela fé. A fé, representada como um salto no escuro, sendo este escuro especificamente a falta da luz gerada pela atitude racional, não é compreendida pela razão:

Kierkegaard alega que Abraão, pela fé, não hesitou a saltar imediatamente da razão e da ética para o plano do absoluto, onde ser humano, com suas faculdades racionais, já não consegue enxergar, pois a fé é um salto, ausência de meditação humana, não podendo, entre o finito e o infinito, haver transição racional (BRITO, 2017, p. 88).

Por fim, após percorrer os caminhos do hedonismo no estágio estético e da razão no estágio ético, termina-se com o amor que é próprio do estágio religioso. A relação que um sujeito tem para com o próximo nesse estágio é uma relação amorosa baseada simplesmente no que é fundamentalmente não-racional, a fé.

## Considerações finais

Os escritos de Kierkegaard referem-se à sua própria vida, vivendo os três estágios do desenvolvimento existencial humano, deteve-se em períodos hedonistas, em períodos fundamentados pela ética e por fim abraçou o absurdo da fé. “Tal é a mensagem de Kierkegaard: um método de vida ou, antes, um método de pensamento que se acomoda às exigências da vida” (JOLIVET, 1953, p. 62). Esta mensagem retira o ser humano da comodidade; torna a vida mais comprometida com ela mesma e, no fim, sugere à cada pessoa uma reflexão formulada em pergunta: como está a minha vida?

Tal pergunta é fundamental pelo fato que ela desperta em cada indivíduo a angústia e o desespero; angústia porque faz lembrar a eterna possibilidade em que o ser humano se encontra e o desespero porque afunda o sujeito na reflexão do passado visando as suas faltas e atitudes hedonistas. Da mesma forma, ela pode despertar a ironia ou o humor; a ironia pelo fato de olhar para aquilo que causa a doença mortal, ou seja, os pecados, e almejar distanciar-se disso, e o humor por causa da insuficiência e pequenez humana que surge com a seguinte reflexão: até onde eu posso controlar racionalmente a vida?

Ademais, e já finalizando esse escrito, recorre-se à atitude filosófica existencial de analisar os próprios atos enquanto ser subjetivo. A autoanálise feita seriamente é imprescindível para o desenvolvimento existencial humano, é, se preferir, a chave que oportuniza o crescimento individual em todos os estágios, seja no encontro da vontade de ser algo a mais, ou no modo de tratar as pessoas enquanto envolto em uma vivência puramente ética, mas, especialmente, na vivência do amor que se dá no último estágio, do amor caritativo, uma doação ao outro baseada essencialmente na fé em algo muito maior que o próprio ser humano.



## Referências

BAPTISTA, Mauro Rocha. Franz Kafka e a angústia kierkegaardiana. **Revista Estudos Filosóficos**, n. 6, p. 131-14, 2011.

BRITO, José Wilson Rodrigues de. Angústia como condição de liberdade em Kierkegaard. **Academia**, v. 7, n. 19, 2017. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=ANG%3%9ASTIA+COMO+CONDI%3%87%3%83O+DE+LIBERDADE+EM++KIERKEGAARD&btnG=](https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=ANG%3%9ASTIA+COMO+CONDI%3%87%3%83O+DE+LIBERDADE+EM++KIERKEGAARD&btnG=). Acesso em: 26 nov. 2022.

CAES, Valdinei. A concepção de Indivíduo segundo Kierkegaard. In: 7., Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, São Carlos, SP: UFSCar, 2012. **Anais...** São Carlos, SP: UFSCar, 2012. p.437-446.

DANTAS, Marília Antunes. Subjetividade moderna: tragicidade e angústia segundo Kierkegaard e Freud. **Psicologia.Com.PT**, 2007.

FAÇANHA, Luciano da Silva; SOUSA, Leonardo Silva. Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Sören Kierkegaard. **Conjectura: Filo. Educ.**, Caxias do Sul, RS, n. 2, v. 23, p. 307-324, maio/ago. 2018.

FERNANDES, Mônica Aparecida; CAMPOS, Ronny Francy. Temor e tremor: a natureza da fé no pensamento de kierkegaard para a atualidade. **Revista Eletrônica de Filosofia Philosophy Eletronic Journal**, v. 10, n. 1, p. 12-22, jan./jun. 2013.

JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas**: de Kierkegaard a Sartre. Porto, PT: Tavares Martins, 1957.

KAFTANSKI, Wojtek. Kierkegaard e Tischner: sobre o conceito de existência humana. **Revista Pandora Brasil**, n. 23, p. 123-132, out. 2010.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O conceito de ironia**: constantemente referido à Sócrates. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD. **Diário de um sedutor**. Lisboa: Editorial presença, 1973.

KIERKEGAARD. **El concepto de la angustia**. Colección austral. Madrid: Espasa – Calpe, s.a Rios Rosas, 1963.

KIERKEGAARD. **Temor e tremor**. Tradução de: Maria José Marinho. 3. ed. Lisboa: Guimarães, 1998.

OLIVEIRA, Ranis Fonseca de. **O desespero e a angústia na filosofia de Kierkegaard**. Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

ORBEM, Douglas João; SANTOS, Telles dos. Alguns aspectos fundamentais da filosofia existencial de Soren Kierkegaard. **Frontistés**. n. 29, v. 16, 2022.

REICHMANN. **Soeren Kierkegaard**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1971.

SILVA, Cássio Robson Alves da. **Da ironia à seriedade: sobre o “tornar-se” indivíduo segundo Kierkegaard**. Dissertação (Pós-graduação em Filosofia) – Universidade federal do Ceará, 2016.

SOUSA, Leonardo Silva; ROCHA, Fábio Libório. Kierkegaard: entre a angústia e desespero de se tornar autêntico. **Revista Húmus**, n. 10, jan./fev./mar./abr. 2014.

STRATHERN, Paul. **Kierkegaard em 90 minutos**. Tradução de: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.